

Corpo, disciplina e poder na Escola Industrial de Natal (1942-1968)

Body, discipline and power in the Industrial School of Natal (1942-1968)

Wigna Eriony Aparecida de Moraes Lustosa

*Mestra em Educação Profissional – IFRN
Professora do Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do RN
wignaeriony@hotmail.com*

Nina Maria da Guia de Sousa Silva

*Doutora em Educação – UFRN
Pedagoga do Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do RN
nina.sousa@ifrn.edu.br*

Olivia Moraes de Medeiros Neta

*Doutora em Educação – UFRN
Professora do Centro de Educação da UFRN e dos Programas de Pós-Graduação
em Educação (PPGED/UFRN) e em Educação Profissional (PPGEP/IFRN)
olivianeta@gmail.com*

07

Resumo

Objetivamos analisar práticas educativas relativas ao corpo, à disciplina e ao poder na Escola Industrial de Natal, hoje denominada Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) – Campus Natal Central, que teve seu funcionamento no período de 1942 a 1968. Os entendimentos de *Corpo, disciplina e poder* fundamentados em Foucault, Le Breton e Scharagrodsky são base à análise de fontes disponíveis à consulta no Portal da Memória do IFRN. Concluímos que as práticas esportivas, o canto orfeônico, os desfiles cívicos, o Corpo de Vigilantes e eventos da cultura escolar como a Hora Cívica imprimiam à Escola Industrial de Natal dispositivos de controle do tempo e dos corpos.

Palavras-chave: Corpo. Disciplina. Poder. Educação Profissional.

Abstract

We aim to analyze educational practices related to body, discipline and power in the Escola Industrial de Natal, now called the Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) – Campus Natal Central, which operated from 1942 to 1968. The understandings of Body, discipline and power grounded in Foucault, Le Breton e Scharagrodsky are basis for the analysis of sources available for consultation in the Portal of Memory of the IFRN, located at <http://centenario.ifrn.edu.br/>. We concluded that sports practices, orpheonic singing, civic parades, the Corps of Vigilantes and school culture events such as the Civic Hour printed the Industrial School of Natal devices to control time and bodies.

Keywords: Body. Subject. Power. Professional education.

Introdução

Este trabalho analisa práticas educativas relativas ao corpo, à disciplina e ao poder na Escola Industrial de Natal, hoje denominada Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – Campus Natal Central, que teve seu funcionamento no período

de 1942 a 1968. A escolha por essa instituição se deu pela motivação de fazermos parte do seu quadro de professores nos dias atuais e por ter interesse nos aspectos históricos que envolvem a educação profissional.

Corpo, disciplina e poder são fundamentados em Foucault (2009), Le Breton (2002) e Scharagrodsky (2007). Para análise selecionamos fontes disponíveis à consulta no Portal da Memória do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), localizado no sítio <http://centenario.ifrn.edu.br/>. Associada à pesquisa no Portal da Memória, nos debruçamos em imagens, livros e teses que abordam a instituição em seus diversos momentos históricos, mas especificamente o período compreendido pela institucionalidade Escola Industrial de Natal.

Conforme Souza e Medeiros Neta (2016), o Portal da Memória IFRN pode se converter em uma fonte para os pesquisadores da história da educação profissional no Brasil, visto que ainda são carentes os estudos sobre essa área da educação. *Pari passu*, as pesquisas com história da educação, especificamente no domínio da história da educação profissional passam por um alargamento quanto aos seus objetos, temas e problemas de pesquisa. (SOUZA; MEDEIROS NETA, 2016, p. 102).

Uma teia de controle na Escola Industrial de Natal (1942-1968)

Os Institutos Federais que conhecemos hoje tiveram, em outras épocas, diversas denominações. Sua origem, em 1909, deu-se com a criação das Escolas de Aprendizes Artífices, sendo considerado o acontecimento mais marcante do ensino profissional da Primeira República (CUNHA, 2005, p. 63). Uma das funções dessas escolas era formar operários e contramestres que atendiam às exigências do capital naquele período, atendendo aos interesses da classe dominante.

Essas escolas passaram por diversas modificações até chegarem aos atuais Institutos Federais. Pois, os modelos de escolas acompanham os projetos em disputa vivenciados pela sociedade e atendem ao desenvolvimento produtivo do país.

Em 1937, as Escolas de Aprendizes Artífices tornaram-se Liceus Industriais. Neste contexto, no final da década de 1930, o governo brasileiro tinha o interesse em ter profissionais que atendessem ao desenvolvimento industrial que vivia o país.

As leis orgânicas de 1942, promulgadas pelo ministro da Educação Gustavo Capanema, modificaram os currículos, direcionaram ainda mais a educação profissional a uma classe desfavorecida e, por razões econômicas e ideológicas, dividiu o sistema educacional. Nesse mesmo ano, os Liceus Industriais passam a denominar-se Escolas Industriais, ofertando uma educação profissional no ensino médio, envolvendo o 1º e o 2º ciclo. Assim, essas escolas, a partir do Decreto lei nº 4.073/1942, passaram a ofertar uma educação propedêutica, articulada ao ensino industrial. Em 1959, passaram a serem Escolas Técnicas Federais, adquirindo autonomia e se constituindo em autarquias. É neste contexto que situamos a Escola Industrial de Natal, recorte espacial para este estudo. Ao passar de Liceu Industrial a Escola Industrial de Natal (EIN), em 1942, a nova institucionalidade da instituição coincide com a implantação da Lei Orgânica do Ensino Industrial proposta por Gustavo Capanema, que assegurou a regulamentação do ensino técnico industrial que até então não eram ofertados por essas instituições e gerou a oferta de cursos a níveis equivalentes ao de primeiro e segundo ciclos que eram ofertados em escolas secundárias propedêuticas.

Junto a essas mudanças, a Escola Industrial implementou “um currículo voltado para a formação de alunos pontuais, assíduos, capazes de cuidar do corpo, respeitosos para com as outras pessoas, cumpridores de seus deveres e aptos a exercer uma atividade profissional” (SILVA, 2012, p. 179).

Considerando resultados de análises como esses, percebemos traços da presença de um corpo disciplinado e assim, resolvemos nos debruçar sobre como o corpo, a disciplina e o poder estavam presentes no cotidiano dessa escola usando como fontes imagens fotográficas, leitura de teses e livros que abordam esse período e o Portal da Memória do IFRN.

As instituições podem ser compreendidas como espaços que “impõem” hábitos e comportamentos através das normas, práticas e disciplina. Dessa forma, na EIN tinham disciplinas que estavam evidentes na composição dessas normas e condutas a serem ensinadas, como na disciplina de educação física e canto orfeônico, responsáveis por aspectos de disciplinarização e comportamento desses alunos diante de aspectos da rotina escolar. (SILVA, 2012).

Para Foucault (2004, p. 126), “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações”. Com isso, percebemos que sendo a instituição escolar parte dessa sociedade, ela está envolvida por esses poderes que são capazes de modificar e transformar o comportamento do sujeito na sociedade, tendo domínio sobre suas ações, tornando-os corpos sociais fabricados.

A presença de uma educação baseada em pilares de formação militar e cívica guiavam as práticas de ensino da EIN. Identificamos poderes disciplinares presentes na disciplina de educação física ao ler o depoimento de ex-alunos, os quais destacavam:

A educação física era destacada pela sua influencia moralizadora e higiênica. Tornar os corpos ágeis, fortes, robustos, vigorosos. Desenvolver a coragem o patriotismo. Todo um investimento no corpo dos indivíduos que engalinhava nos ideais de moralização e ordenação social. (SOUZA, F., 2008, p. 179 apud SILVA, 2012, p. 179).

[...] nós tínhamos que chegar a Escola antes das 6h, trocar de roupa, o que significava colocar um calção, depois guardar a farda no armário da Escola e nos dirigirmos imediatamente para o pátio ou para o campo do Clube América. Os exercícios que repetíamos diversas vezes, eram de resistências e flexibilidade. Era preciso manter o controle sobre os movimentos visando o fortalecimento do corpo. Além disso, a obediência as orienta-

ções do professor era algo a ser cumprido por todos, o tempo inteiro. (SOUZA, F. 2010, p. 179 *apud* SILVA, 2012, p. 179).

O controle do tempo é um dos dispositivos concernentes à Instituição e às práticas de controle. (FOUCAULT, 2004). Desta maneira, o controle do tempo e dos corpos dos estudantes da Escola Industrial de Natal constituía-se como dispositivo da escola como instituição de sequestro.

Nesses termos, ressaltamos que os corpos, historicamente, têm sido objetos e alvos de poder. E o que se quer como objetivo é transformar esse corpo em corpo dócil, “que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 2004, p. 125).

Figura 1: Aula de educação física na EIN – 1945



Fonte: Escola Industrial de Natal, 1968.

Conforme figura 1, inferimos que o controle dos corpos associava-se às práticas esportivas na EIN. E, por relatos de ex-alunos, constatamos que a importância que o esporte tinha na vida dos estudantes da EIN

influenciava a escolha desses alunos no quesito profissional, conforme depoimento de ex-alunos a seguir:

[...] eu gostava de esporte. Jogava basquete e minha estatura ajudava, 1,82m. As melhores equipes eram dos cursos de Marcenaria e Mecânica, que sobrava ia para Alfaiataria. [...] Marcenaria e Mecânica eram o ABC e o América aqui de Natal e a Alfaiataria era um Atlético, aquele chamado time pequeno. Então, eu escolhi por influência, mas me dei bem [...]. Eu fiz Marcenaria, quando terminei fui trabalhar, novinho, com 21 anos, [...] e com pouco tempo eu assumi uma chefia de fábrica. (TORRES, 2008/2009 apud MEDEIROS, 2011, p. 37).

Eu optei por Sapataria porque havia entre cursos uma jornada esportiva, havia torneios, etc. E como eu não tinha futebol suficiente para jogar no time de Mecânica, nem da Marcenaria, optei pelo de Sapataria, no qual eu era titular. (risos) (SOUZA, 2009 apud MEDEIROS, 2011, p. 37).

Conforme Medeiros (2011, p. 55), a educação física tinha como principal meta conduzir o homem ao aperfeiçoamento físico, desenvolvendo a saúde, a destreza, a força, a resistência, a coragem e a harmonia das formas. Dentre os meios empregados para atingir esse objetivo constavam exercícios de flexionamento, ginástica, jogos, esportes individuais e coletivos.

Além desse controle do corpo na atividade de educação física, o controle da mente e do ideário cívico era presente nas práticas da EIN, principalmente em atividades relativas ao ensino de Canto Orfeônico e os desfiles cívicos. Na figura 2, observamos a professora Lourdes Guilherme em aula de Canto Orfeônico:

Figura 2: Professora Lourdes Guilherme em aula de Canto Orfeônico, década de 1940? – EIN



Fonte: Disponível em: < <http://centenario.ifrn.edu.br/escola-industrial-de-natal>>. Acesso em 10 de out 2018.

Na figura 2 observa-se a professora Lourdes Guilherme em posição mais alta em relação aos alunos e eles em posição ereta, enfileirados, com as mãos para trás e cabeças retas e erguidas, provavelmente, em uma prática de canto do hino nacional, que, para aquela época, era um dos momentos que remetiam ao sentimento patriota dos alunos e se mostrava como um espaço de dominação do corpo por diversas características que já observamos. “Una enorme cantidad de prácticas

se encargó de asegurar el control corporal minúsculo, microfísico y celular” (SCHARAGRODSKY, 2007, p. 6).

A maneira utilizada para modelar esse corpo dócil é oriunda de práticas de controle e adestramento, disciplinando o sujeito e caracterizando umas das maneiras possíveis de se dominar. Dessa forma, como afirma Pinho (1998, p. 189), “a disciplina, segundo a genealogia foucaultiana, diz respeito tanto a uma modalidade de poder que se caracteriza por medir, corrigir, hierarquizar, quanto torna possível um saber sobre o indivíduo.” Ver figura 3:

Figura 3: Alunos em abertura de torneio esportivo na EIN – 1950.



Fonte: Escola Industrial de Natal (1968).

Na Figura 3 observamos um grupo de alunos na abertura de um torneio esportivo e a frente deles a bandeira da escola sendo transportada. Essa atitude tem como objetivo criar um sentimento de respeito à instituição, de orgulho por fazer parte da mesma. Esse desfile era feito antes do início do torneio para outras pessoas, que podemos observar junto à parede da escola, incluindo o diretor da escola que na

época era Jeremias Pinheiro (marcado com uma seta). Assim, como afirma Silva (2012, p. 181),

Na EIN, essas medidas desvelam aspectos de seu disciplinamento, cabendo aos alunos o cumprimento das regras estabelecidas pelas autoridades escolares, o que poderia ser visto como práticas que traziam, em si, possíveis indícios da forma de organização que encontrariam nas indústrias.

Outra maneira de disciplinar os alunos na EIN, além do esporte, foi pelas práticas do Corpo de Vigilantes que foi criado pela direção da escola para vigiar e garantir a responsabilidade dos alunos. Ele foi criado na gestão de Jeremias Pinheiro (que foi diretor da escola de 1939, quando ainda era Liceu Industrial, até 1954) e tinha como escolha os alunos de melhor desempenho escolar e das séries mais avançadas. Ver figura 4:

Figura 4: Alunos na sala de Honra da EIN – Vigilante com destaque no braço esquerdo – 1950?



Fonte: Escola Industrial de Natal (1968).

O Corpo de Vigilantes era composto por nove alunos que revezavam mensalmente a função de chefe e subchefe. Os alunos que faziam parte do Corpo de Vigilantes tinham como função:

[...] organizar a entrada e a saída dos estudantes no início e término do expediente escolar, encaminhar os retardatários ao inspetor de alunos, recolher e devolver as cadernetas de frequência, controlar as filas de acesso às salas de aula e ao refeitório e inspecionar o uso correto do fardamento, podendo também intervir nos casos de indisciplina nas proximidades do prédio da Escola. (MEDEIROS, 2011, p. 38).

O uso do fardamento era alvo de extremo controle e vigilância pelo Corpo de Vigilância, pois representava o símbolo de maior significado para a Escola. Os Vigilantes recebiam um distintivo que tinha como símbolo um olho, representando sua função de controle e vigilância, e que era usado sob a farda, preso a manga. Na vidência do cargo, que era de um ano, os alunos do Corpo de Vigilantes eram os primeiros a chegar e os últimos a sair na instituição.

Para Foucault (2004) todo sistema disciplinar em sua essência carrega um mecanismo penal, repressor, que controla o tempo, a vestimenta, os gestos, o jeito de ser, de falar, do corpo. Tudo pode servir para castigar, desde humilhações, castigos físicos leves e privações de algo. Para o castigo disciplinar a função é diminuir os desvios, sendo somente corretivo.

Neste sentido, podemos identificar no depoimento do ex-aluno Silva (2009) como acontecia a punição ao aluno que tinha desvio de conduta disciplinar na EIN:

Na minha época, [...] o diretor era um elemento muito autoritário, disciplinador, chamado Jeremias Pinheiro, que foi um dos pilares do crescimento da Escola, e depois dele vieram outros, como Pedro Pinheiro, Pedro Martins... Então, a disciplina na

Escola era rígida e nós tínhamos um corpo de vigilantes, que eram alunos selecionados ou voluntários, que passavam a ser os líderes da turma e responsáveis pela disciplina da turma. [...] na época, o aluno indisciplinado, que cometia qualquer irregularidade, ia para debaixo da escada ou debaixo do sino e ficava por um determinado tempo em pé, de castigo. Até eu passei por isso! O chefe da disciplina dizia: 'Mande o menino pra debaixo da escada. Só sai de lá quando eu me lembrar!'. (risos) (SILVA, 2009 apud MEDEIROS, 2011, p. 37).

As penalidades de castigo dadas na Escola Industrial de Natal perduraram pelos anos de 1940 e 1950, chegando até a década de 1960, quando da existência da figura do Inspetor de alunos criada para o quadro de funcionário da escola. Desta maneira, as penalidades tinham como objetivo o de reeducar os indivíduos, sendo partes integrantes da disciplina imposta pela escola, que ao fim e a cabo produziam um sujeito dócil e eficiente, domesticado e moralizado.

Como punições para os alunos identificaram a aplicação de multas em situações consideradas leves, a suspensão por um prazo estabelecido e em casos mais graves, até a expulsão com o cancelamento da matrícula do aluno. De acordo com Silva (2012) o que provocava a aplicação das suspensões eram:

[...] desacato aos membros do Corpo de Vigilantes e aos demais segmentos da escola, usar palavras de baixo calão, brigar no espaço interno dessa instituição, não se apresentar na parada de 7 de setembro, badalar o ensino sem permissão, burlar a vigilância da portaria e sair sem autorização, fumar nos recintos da Escola ou até a 100 metros dessa, e, ainda, o uso indevido da farda. Nesse caso, o aluno não poderia usá-las sem a gravata tampouco com algum botão da camisa desabotoado ou com a manga da camisa dobrada. Essas exigências, também, se aplicavam fora da Escola. Caso fosse visto por um dos membros desse grupo, com

esse traje fora de ordem na rua, também recebia uma multa. Era necessário mantê-la sempre impecável. (SILVA, 2012, p. 186).

Foucault (2004) afirma que o poder vigilante se caracteriza como extremamente indiscreto, já que pode estar em toda parte a toda hora, sempre atento, com o propósito de punir caso ocorresse alguma indisciplina. Acima do Corpo de Vigilantes estavam outras categorias disciplinares pertencentes ao sistema que se configura hierarquizado, como o inspetor de alunos, orientador educacional e diretor da instituição que sempre estavam a postos na função de vigiar e garantir a disciplina.

No início do ano letivo era apresentada aos alunos, como parte das rotinas escolares diárias, uma agenda de horários das atividades da escola, organizada de forma rígida e controlada. Isso está de acordo com o que afirma Scharagrodsky (2007, p. 6),

[...] la organización del tiempo escolar, los horarios, los recreos, la duración de la jornada y el uso eficiente del tiempo fueron elementos altamente regulados desde cualquier documento escolar hegemónico (planes, programas, textos, manuales, libros, artículos de revista especializadas, circulares, decretos, leyes, etc.). La puntualidad en los horarios de entrada y salida a la escuela, a la clase y al recreo también se convirtieron en constantes. (SCHARAGRODSKY, 2007, p. 6).

Na EIN a questão do tempo e do respeito aos horários era algo presente na rotina diária e de respeito nas ações escolares. O relógio estava posicionado em um lugar central da portaria para que a pessoa responsável o tivesse a vista para sonar o sino a cada mudança de horário das atividades, indicando seu início e término.

A ordem tem uma condição de ser que não precisa ser explicada, nem formulada, ela por si só provoca o comportamento que se deseja do sujeito. O sino simboliza essa questão de ordem expressa por Foucault

(2004), ele ao sonar comunica ordens de comportamentos esperados, como o cumprimento do silêncio.

O respeito e a obediência eram bases da EIN e eles deveriam ser praticados diante o diretor, professores e funcionários da escola. Era prática na EIN que eles deveriam entrar nas oficinas e aulas antes que os professores e mestres e após a chegada deles, deveriam ficar de pé e esperar a indicação para que pudessem sentar. Assim, a ação de ficar em pé ou sentado diante de uma situação é justificada por Le Breton (2002, p. 48) quando explica que “la gestualidad humana es un hecho social y cultural y no una naturaleza congénita o biológica que se le impone a los actores.”

Outro momento que se destaca na rotina escolar dos alunos da EIN era a Hora Cívica que ocorria todos os sábados pela manhã com as seguintes atividades: hasteamento da bandeira e canto do hino nacional pelos alunos devidamente posicionados em filas. Ao finalizar essa solenidade, todos iam para o salão de honra da Escola, que tinha um momento dedicado a apresentação por parte de professores e alunos, antecipadamente elegidos e informados sobre o assunto a ser compartilhado.

Figura 5: Momento no pátio da EIN da Hora Cívica - 1950



Fonte: Escola Industrial de Natal, 1968.

A figura 5 dá indícios de uma ação vinculada a Hora Cívica. Assim, observamos um comportamento gestual da professora no centro do pátio da EIN, em posição estratégica de superioridade, com os alunos todos enfileirados, com os braços posicionados de acordo ao momento cívico de canto do hino nacional. Ao lado podemos observar alguns alunos num mesmo gesto de segurar as bandeiras. Todos que compunham esse momento deveriam está atendo aos gestos e aparência diante dos outros.

Conforme afirma Le Breton (2002, p. 50), “en todas las circunstancias de la vida social es obligatoria determinada etiqueta corporal y el actor la adopta espontáneamente en función de las normas implícitas que lo guían.”

De acordo com Silva (2012, p. 195),

Há registros de que essa atividade [a Hora Cívica] atravessou as décadas de 1940 a 1960, com as mesmas características que a marcaram, tais como: transmissão de uma consciência patriótica, por meio do respeito aos símbolos nacionais e o estudo da vida daqueles homens presentes na história oficial como detentores de virtudes heroicas.

Com isso, a EIN encontrava meios de trabalhar o orgulho patriótico e a moral dos discentes, fato ainda mais evidente a partir do golpe militar de 1964, que instaura ainda mais a repressão no campo educacional e o controle na vida dos estudantes.

Conclusões

Após analisarmos os depoimentos de ex-alunos, de fotografias do cotidiano da época da EIN, de dar um olhar a partir da análise do corpo, disciplina e poder, podemos apreender que essa escola possuía uma rotina de controle disciplinar extremamente rígido, onde os corpos estavam envoltos por repressões e vigilâncias a qualquer deslize que cometessem.

Assim, as práticas esportivas, o canto orfeônico, os desfiles cívicos, o Corpo de Vigilantes e eventos da cultura escolar como a Hora Cívica imprimiam à Escola Industrial de Natal dispositivos de controle do tempo e dos corpos.

Havia uma hierarquia de poder disciplinar, que vinha desde o diretor até o Corpo de Vigilantes composto por alunos da casa e as práticas educativas levavam a uma educação de sujeito moral, com orgulho cívico, com sentimento de pertencimento da instituição, que cuidava do corpo, dos gestos, da higiene, sendo identificados traços desses aspectos nos relatos e registros estudados.

Referências

CUNHA, Luiz Antônio. **O ensino de ofícios nos primórdios da industrialização**. 2. ed. São Paulo: Unesp; Brasília: Flacso, 2005.

ESCOLA INDUSTRIAL DE NATAL. **Fotografias – 1940 – 1968**. Natal: [s.n., 1968]. Arquivo Campus Cidade Alta – IFRN. 26 fotografias.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 29 ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

LE BRETON, D., **La sociología del cuerpo**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2002.

MEDEIROS, Arilene Lucena de. **A forja e a pena: técnica e humanismo na trajetória da Escola de Aprendizes Artífices de Natal à Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte**. Natal: IFRN, 2011.

PEGADO, Erika Araújo da Cunha (Org.). **A trajetória do CEFET-RN desde a sua criação no início do século XX ao alvorecer do século XXI**. 2. ed. Natal: IFRN, 2010. 132 p.

PINHO, L. C. As tramas do discurso. In: CASTELO BRANCO, G.; BAËTA NEVES, L. F. (Org.). **Michel Foucault: da arqueologia do saber à estética da existência**. Londrina/Rio de Janeiro: Nau, 1998, p. 183-192.

SCHARAGRODSKY, Pablo. **El cuerpo en la escuela**. En Proyecto Explora. Ministerio de Educación. Argentina. 2007. Disponível em: <<http://explora.educ.ar/wpcontent/uploads/2010/04/PEDAG05-El-cuerpo-en-la-escuela.pdf>> Acesso em: 02 out. 2018.

SILVA, Maria da Guia de Sousa. **Escola para os filhos dos outros:** trajetória histórica da Escola Industrial de Natal (1942-1968). 2012. 225f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012. Disponível em:<https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/14403/1/MariaGSS_TESE.pdf>. Acesso em: 02 out. 2018.

SOUZA, Francisco das C. S; MEDEIROS NETA, Olivia M. de. O Portal da Memória do IFRN como fonte de pesquisa em história da educação profissional. In: MOURA, Dante Henrique. **Educação profissional:** desafios teórico-metodológicos e políticas públicas. Natal: EdIFRN, 2016. p. 101-120.

SOUZA, F. B. de. **Sobre a Escola Industrial de Natal.** Entrevistadora: Maria da Guia de Sousa Silva. Natal, 8 fev. e 5 mar. de 2010.

SOUZA, Ody Freire. **Sobre a Escola Industrial de Natal.** Entrevistadora: Maria da Guia de Sousa Silva. Natal, 3 abr. de 2008.

SOUZA. Vicente de Paula. **Sobre a Escola Industrial de Natal.** Entrevistador: Arilene Lucena de Medeiros. Natal, 15 jul. 2009. 1 gravação digital em minidv (16min).

TORRES, Nivaldo Calixto. **Da Escola Industrial de Natal à Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte:** trajetória do ex-aluno e servidor. Entrevistador: Arilene Lucena de Medeiros, Natal, 05 agos. 2008. 1 gravação digital audiovisual em minidv. (30 min).

_____. **Sobre a Escola Industrial de Natal.** Entrevistador: Maria da Guia de Sousa Silva. Natal, 14 dez. 2009. 1 gravação digital. Sonoro.